

# ESTATUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, CONTRIBUIÇÕES E LIMITES À FORMAÇÃO DOCENTE - UM ESTUDO A PARTIR DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Leoni Maria Padilha Henning

Universidade Estadual de Londrina

**Primeiras Linhas** - Partindo do nosso interesse em discutirmos a questão da “formação de professores como problema filosófico no Brasil”, observamos que inicialmente a Filosofia em geral em suas origens em nosso país surge impregnada ideologicamente em uma complexa realidade em que se incorporam valores estrangeiros numa relação colonizador-colonizado, em cujo contexto imiscuem-se, por um lado, as ações dos jesuítas e dos colonos; e de outro, aquelas próprias dos indígenas e africanos, principalmente. Tal situação, como sabemos, é orquestrada por uma política colonialista, portanto, de poder, estabelecida pela Metrópole portuguesa. Margutti (2013, p. 354-355) nos mostra que embora a Filosofia em nosso país tenha sido resultante de uma situação de subserviência à matriz colonizadora, “[...] adotou um caminho próprio e foi aos poucos se separando dela [...]” e que “[...] assumirá um caráter mais distinto no século XIX e se consumará no decorrer do século XX.” Nesses percalços originais de nossa formação, encontramos as questões dramáticas da conversão dos índios, da escravidão, da aculturação e extirpação de modos de viver e ver o mundo, os quais passam a ser substituídos por modos alóctones à cultura originária . A partir dessa trágica situação dos nossos primórdios, *só muito lentamente* se realiza o desenvolvimento filosófico, uma vez que as tímidas tentativas são acompanhadas pela imposição de condições insuficientes para esse progresso como, por exemplo, os impedimentos para a produção e divulgação bibliográfica e a tardia fundação das universidades, fazendo com que a literatura se tornasse o principal modo de expressão e fonte filosófica possível. O autor explica:

A nova cultura ibero-tropical foi marcada pela oposição entre dois projetos de colonização que terminou com a vitória do projeto dos colonos sobre o dos jesuítas. O projeto vitorioso levou ao surgimento de um povo diferente em virtude da perda de identidade dos índios, brancos e negros envolvidos no processo. A nova cultura em formação envolvia uma combinação de licenciosidade sexual, autoritarismo político e

moralidade frouxa. Como os colonos viam sua estadia no país como algo transitório, eles aceitavam a resultante degradação dos costumes com complacência resignada (MARGUTTI, 2013, p. 355).

Além dessas condições concretas, observamos dificuldades inerentes ao convívio de diferentes visões de mundo, valores, pressupostos e princípios, o que se manifesta frequentemente através de preconceitos<sup>1</sup> e medidas combativas de um lado sobre o outro, além da apresentação de alternativas formativas também muito distintas em conformidade com os determinados grupos, cada qual visto pelos olhos do outro.

Nesse sentido, o predomínio da visão de mundo dos conteúdos cético-estóico-salvacionistas<sup>2</sup> constituída para o enfrentamento da situação moral degradante das nossas origens, parece *ter fornecido as bases do pessimismo que o povo brasileiro fomenta em sua autoimagem* com significativa carga de inferioridade e admiração pelo estrangeiro. Esse traço identitário foi apontado, por exemplo, por Cruz Costa (1967), dentre outros, ao que é acrescida a vontade do progresso que o brasileiro observa nos povos dos continentes privilegiados economicamente. Contudo, o não reconhecimento do excesso no uso de critérios europeus para o julgamento de nossas idiosincrasias diminui severamente a valorização da grande potencialidade do pensamento filosófico brasileiro, não permitindo que assim pudesse, com determinação, vicejar e se manter o exercício da Filosofia, enquanto conteúdo e atividade, como uma prática particularmente formativa nas escolas.

Parece-nos que as condições acima expostas não foram favoráveis a uma Filosofia como saber fundado no pensamento crítico diante de problemas pinçados da própria realidade do país; um pensamento questionador e exigente. Contrariamente a isso, tal possibilidade mostra-se sufocada sob a égide de um forte conservadorismo dominante desenvolvido no início da nossa formação e que aqui se instala aos auspícios do poder da Igreja e do Estado colonizador, mas,

---

<sup>1</sup> Como é mostrado por Nishitani Osamu (*apud* Margutti, 2013, p. 357) na designação de *anthropos* em oposição a *humanitas*, sendo o primeiro relacionado a povos distintos - não-europeus, inferiores, primitivos - dos europeus, os segundos, os sujeitos do conhecimento.

<sup>2</sup> Tal mistura eclética, segundo Margutti (2013, p. 358-359), se deu para o enfrentamento da degradação moral mencionada. Para ele: “O ceticismo envolvido possui um caráter eminentemente moral, em que o conhecimento humano surge como mera forma de vaidade. O estoicismo se inspira principalmente nas doutrinas de Sêneca e converge com a concepção cristã mediante a sua atitude de abnegação diante do sofrimento e das misérias da existência humana. O salvacionismo, por sua vez, traz a solução do problema pela renúncia ao mundo e pelo contato com uma realidade transcendente.”

também com a anuência das lideranças coloniais estabelecidas em nosso território. Tal situação evidentemente atingiu também as iniciativas educacionais, cumprindo os objetivos estabelecidos pelo poder, não estando este preocupado com a instalação de um projeto de “formação”, de fato, para o povo brasileiro imbuído de autoconsciência, autonomia e espírito reflexivo.

Assim, a Filosofia da Educação – aquela que colocaria a Educação como seu problema central - desenvolvida e oficializada como assunto disciplinar surge posteriormente no contexto do surgimento das Escolas Normais nos oitocentos, mas de modo muito tímido. Seu compromisso é estabelecido mais diretamente com a formação de professores, não se ocupando, contudo, com a promoção do questionamento sobre si mesma, enquanto um campo de saber, e com os fins da educação “brasileira”, mas aparece mais afeiçoada às questões relacionadas ao ensino destinado ao magistério. Elisete M. Tomazetti (2003) melhor esclarece sobre o assunto:

O saber filosófico sobre educação não constitui uma disciplina desde o surgimento das primeiras escolas normais no Brasil. A sua presença, quando ocorria, dava-se por meio de conteúdos ou temáticas que eram trabalhadas no conjunto de outras disciplinas, principalmente da disciplina *Pedagogia*. A constituição e institucionalização da Filosofia da Educação, enquanto uma disciplina componente do currículo de matérias da escola normal, somente ocorreria no contexto das reformas realizadas pelos renovadores, nos anos 30 do século XX. Essa constatação levou-nos a pesquisar quais foram esses saberes filosóficos e as características que possuía a disciplina *Pedagogia*, uma vez que essa pode ser considerada como a *grande mãe* de disciplinas como a Didática, a História da Educação e a Filosofia da Educação, que mais tarde tornaram-se independentes (TOMAZETTI, 2003, p. 47, ênfases nossos).

Esses apontamentos nos dão pistas importantes sobre a quase simultaneidade do desenvolvimento da Filosofia Geral, mais independente dos liames coloniais (a partir do século XIX), e Filosofia da Educação, timidamente elegendo as questões formativas (início do século XX), fato que nos permite melhor compreendermos os vínculos culturais reinantes no percurso de nossa construção.

O enfrentamento dos problemas próprios da educação em nossa cultura careceu, durante os primeiros séculos, de pesquisa e de estudos sérios investigativos de base científica e filosófica e, assim, a reflexão sobre os problemas educacionais “brasileiros”, como suporte ao ensino, constituiu-se em situação de atraso para o avanço das condições educacionais. Isso, é claro, não apenas em razão da Filosofia que aqui se instalara, mas pelas questões mais amplas da cultura

dominante excessivamente controladora e colonialista e do sistema educacional insipiente que tínhamos. Desse modo, em referência às origens da nossa cultura, diz Severino (2000, p. 275) que: “A situação é até compreensiva, pois a incorporação da cultura filosófica no país é feita de maneira dogmática, autoritária e ideologizada, sob formato escolasticizado”.

Nesse sentido, até a instalação da nossa República em 1889, a preocupação com a formação profissional dos educadores acompanhada por uma reflexão consistente sobre a Educação era insignificante. Ou seja, até o início do século XX não se pode falar em Filosofia da Educação propriamente dita, pois havia mais referências aos pressupostos ideológicos e às posturas filosóficas implícitas nas práticas pautadas na tradição, do que uma construção teórica debruçada às questões educacionais no território brasileiro. Como de algum modo anunciado, a alusão à Filosofia da Educação, enquanto disciplina, só vai aparecer no Brasil a partir do início das Escolas Normais, cuja fundação se deu em 1835, em Niterói, no Rio de Janeiro, com o objetivo de formar professores para o magistério, perpassando todo o período republicano. Severino (2000, p. 273) nos ajuda esclarecer: “É nos currículos das Escolas Normais que surge o componente curricular designado como Filosofia da Educação e é nesse espaço institucional da formação do magistério que a Filosofia da Educação adentra o ensino e a cultura pedagógica nacional”. Contudo, no ensino superior, a disciplina Filosofia da Educação aparece atrelada à criação das “[...] seções de Pedagogia das Faculdades de Filosofia e, mais tarde, das próprias Faculdades de Educação [...]” (SEVERINO, 2000, p. 274), de cuja situação herdamos outras dificuldades, por exemplo, a fragmentação da discussão filosófica nos Departamentos das Universidades. Tal situação acarretou uma problemática ainda enfrentada pelos filósofos da educação que não percebem o reconhecimento esperado da sua área de trabalho, especialmente advindo dos seus demais colegas filósofos, como sendo a Filosofia da Educação um campo filosófico propriamente dito.

O alvorecer de uma postura mais questionadora para a Filosofia da Educação é fenômeno bem recente, creditado aos Programas de Pós-graduação que têm a pesquisa como instrumento fundamental e obrigatório para seu desenvolvimento<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Neste contexto, é imprescindível mencionar o Programa de Filosofia da Educação da PUC/SP, pois: “Este Programa surgiu por iniciativa do professor Joel Martins [...], a partir da década de 1970. [...] preocupado com a abertura de uma frente em Filosofia da Educação, sob outras aspirações que não fossem aquelas da escolástica tomista que ainda prevalecia no Departamento de Filosofia da Universidade [...]” (SEVERINO, 2000, p. 276).

Outro impulso importante foi a criação de um Grupo de Trabalho em Filosofia da Educação no quadro institucional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, a ANPED, até hoje em ritmo crescente de organização e produção de conhecimento na área. Esse fato impulsionou significativamente esta área, pois a ANPED é uma associação voltada à produção científica e avaliação de pesquisas educacionais no país, sendo referência nacional e internacional sobre os assuntos gestados no âmbito dos estudos sobre educação. No entanto, no âmbito das discussões da ANPED, principalmente, têm sido apontados ultimamente observações e dados indicadores de um direcionamento na educação brasileira no tocante à “formação de professores” que pode ameaçar as ações favoráveis à Filosofia da Educação, quando reduz as iniciativas na educação do país à aprendizagem e ao ensino, fenômeno chamado por Biesta (2013) de “learnificação”. Outro dado preocupante é a fragilidade na indicação de “linhas de pesquisa” em Filosofia da Educação em muitos dos programas de pós-graduação em educação da região sul do Brasil, quando mesmo com frequência se mostram ausentes. Uma outra preocupação bem recorrente entre os educadores em formação é a dificuldade que apresentam em relacionar a teoria e a prática, problema expresso por eles na forma de reivindicações do currículo dos cursos de formação, nas quais têm sido propostas rearranjos curriculares que minimizam os aspectos teóricos a ponto de os filósofos da educação frequentemente sentirem-se desafiados a oferecerem boas razões para a sustentação da importância da Filosofia na “formação de professores”.

No tocante aos avanços na disciplina, devemos considerar os esforços dos filósofos da educação no sentido de organizarem-se em Associações ou Sociedades que aglutinam interesses em torno da disciplina e aprofundam os estudos referentes a esse campo de conhecimento, isso em esfera nacional e internacional. São os casos da: SOPHIED – (Société Francophone de Philosophie de l'Éducation) - Sociedade Francófona de Filosofia da Educação, criada em 2006 à l'IUFM em Nantes, França; SOFELP – Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa, criada em 2008 na Universidade do Porto - Portugal; ALFE – (Asociación Latinoamericana de Filosofía de la Educación) - Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação fundada em 2010 em Bogotá, Colômbia; e, SOFIE – Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação, fundada após discussões iniciadas em 2008 no “GT-Filosofia da Educação” da ANPED; dentre outras. Também, podemos considerar importante as iniciativas operadas no

âmbito do “GT-Filosofar e aprender a filosofar” da ANPOF – Associação de Pós-Graduação em Filosofia – que progressivamente vem reunindo filósofos da educação em suas discussões.

Entendemos que somente quando o “pensar a educação” estimula elaborações teóricas inovadoras e criativas, próprias à realidade atual e nacional, como também, quando estabelece proposições analíticas e críticas sobre os modelos teóricos implantados, já adotados e/ou ingenuamente aceitos, pode acarretar avanços importantes em direção a uma maior qualidade na educação brasileira, frente a cuja problemática a Filosofia da Educação pode contribuir significativamente.

Pelo exposto, entendemos que apresentamos justificativas interessantes para a proposição do estudo, no sentido de tentar elaborar uma reinterpretação do “*status* da Filosofia da Educação na Região Sul do Brasil”, tentando atualizar as pesquisas de referência na área, considerando, neste recorte, alguns elementos próprios à região.

Com efeito, desejamos com este estudo proporcionar condições para uma formação de professores mais reflexiva, crítica, analítica com o fomento de uma apreensão teórica consistente, criativa e autônoma por parte dos agentes educativos. Também, intentamos impulsionar o pensamento filosófico sobre a realidade atual e nacional, em vista do favorecimento de uma compreensão mais condizente à realidade concreta em que vivemos e pensamos os nossos próprios problemas, tendo como norte a busca de alternativas solucionadoras para as nossas próprias necessidades e particularidades. Tudo isso, para possibilitar condições a um pensamento pedagógico mais criativo, avesso aos modismos, aos dogmatismos e aos atrativos ideológicos, ampliando assim a compreensão teórico-prática da educação brasileira.

**Recursos teóricos importantes ao estudo** - Encontramos no livro *Filosofia da educação brasileira* (MENDES, 1991) o texto *Tendências e correntes da educação brasileira* de Dermeval Saviani que descreve detalhadamente o empreendimento de pesquisa realizado pelo seu autor e colaboradores sobre o pensamento filosófico-educacional brasileiro, pautado em farta consulta bibliográfica relativa a levantamento das suas tendências e correntes de 1930 a 1977, perfazendo 1479 estudos colhidos e analisados.

Alegando haver poucos estudos em Filosofia da Educação no Brasil e, mesmo assim, impregnados os que temos de muita ambiguidade, Severino (2000) busca entender a trajetória dessa disciplina relacionando-a com os paradigmas filosóficos universais prevalentes, resultando

no texto *A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória*, versão atualizada do texto *Filosofia da educação no Brasil: círculos hermenêuticos* que teve como produção final o livro *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação* (1999).

Marcos Antonio Lorieri no seu texto *Pesquisa em filosofia da educação no Brasil* (2013), relatório parcial do projeto de pesquisa no qual participa em sua instituição, nos oferece uma exaustiva listagem de publicações da área desde 1952 até 2010, e apresenta uma visão bem positiva sobre o incremento na realização desses estudos.

Maria Bethânia Barbosa Albuquerque, empreendendo um árduo estudo sobre a disciplina, colheu depoimentos de importantes personalidades da área e, em seu artigo intitulado *Filosofia da educação: um campo acadêmico?* (2013) denuncia uma crise na disciplina especialmente com relação a sua busca pela identidade. Contudo, entende que as disciplinas acompanham a dinamicidade própria do conhecimento, daí, a alternância de crises e apogeus.

Afora muitos outros trabalhos complementares, o nosso intuito aqui é o de situar o núcleo de nosso interesse localizado na região sul do nosso país, considerando evidentemente a contribuição apresentada por pesquisas já realizadas em torno do problema central do estudo. Em razão da nossa dedicação com respeito à disciplina em toda a nossa vida acadêmica, nos acompanha um enorme interesse por conhecê-la no cenário acadêmico da nossa realidade imediata.

Assim, pautada nesses estudos que nos ocuparão a primeira etapa da pesquisa, pretendemos, num segundo momento, focalizar a região sul do Brasil na busca por atualizarmos a compreensão da “situação da disciplina” no âmbito educacional, uma vez que são apontadas na literatura educacional muitas contribuições da disciplina à educação (SEVERINO, 1990; LUCKESI, 1990; etc.), contudo, *há queixas de que a tendência atual é a de serem minimizados os espaços do trabalho filosófico no contexto da formação de professores*. Esse se constitui uma nossa primeira curiosidade de aferição. Assim, encaminhando para a trilha do segundo momento do estudo, nossas perguntas dirigir-se-ão para a busca de uma resposta em torno dessa queixa, perguntando se ela procede. Qual seria o lugar da disciplina nos cursos de graduação e de pós-graduação em educação? Qual seria o perfil dessa disciplina, tomando-se por base as ementas e os programas com seus objetivos, conteúdos, atividades e bibliografia apresentadas e trabalhadas. Tentaremos observar se há *uma unidade nas propostas da disciplina nos três estados da região sul ou, ao contrário, se devido à mencionada ambiguidade ou por outra razão, entendemos a*

*Filosofia da Educação como um campo de diversidade perante as questões educacionais fundamentais.* Para isso, averiguaremos igualmente, quem são os professores da disciplina e qual a sua formação, como tem sido a sua produção na área no que se refere aos projetos de pesquisa e produção bibliográfica. Esperamos assim avançar em resultados que nos permitam atualizar as tendências filosóficas presentes na ambientação educacional de nosso país, a partir da região sul.

Para realizarmos plenamente o estudo, primeiramente, iremos aprofundar as questões teóricas versadas neste estudo inicial. Em seguida, pretendemos realizar a etapa das indagações de teor mais prático, ou seja, a coleta dos dados necessários e já anunciados. E, finalmente, tentaremos enveredar para a busca de algumas respostas à questão central proposta, a saber, *qual o estatuto da disciplina de Filosofia da Educação na contemporaneidade, tomando a região sul do Brasil como ponto de referência.*

**Segunda Parte:** Passamos agora a apresentar – como “anexo” - alguns dados coletados nos *sites* das instituições universitárias que dispõem ao público os dados das suas propostas curriculares de Pós-Graduação em Educação, tendo ainda como apoio as informações providas pela CAPES na internet. Em seguida, procuramos interpretá-los e tecer algumas “considerações finais”, como etapa possível neste breve estudo, finalizando com as “referências”.

## ANEXOS

PROGRAMA  
NOTA

IES

UF

MDF

<u>PROGRAMA</u>	<u>NOTA</u>	<u>IES</u>	<u>UF</u>
<b><u>1. PARANÁ</u></b>			
EDUCAÇÃO		UFPR	PR 5 5 -
EDUCAÇÃO		UEL	PR 3 - -
EDUCAÇÃO		PUC/PR	PR 4 4 -
EDUCAÇÃO		UEM	PR 4 4 -
EDUCAÇÃO		UEPG	PR 4 4 -
EDUCAÇÃO		UNICENTRO	PR 3 - -
EDUCAÇÃO		UNIOESTE	PR 3 - -
EDUCAÇÃO		UNIOESTE	PR 3 - -
EDUCAÇÃO		UTP	PR 4 4 -
<b><u>2. SANTA CATARINA</u></b>			
EDUCAÇÃO	1.	UFSC	SC 4 4 -
EDUCAÇÃO	2.	UDESC	SC 4 4 -
EDUCAÇÃO	3.	UNIVILLE	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	4.	UNIVALI	SC 4 4 -
EDUCAÇÃO	5.	FURB	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	6.	UNOESC	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	7.	UNISUL	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	8.	UNESC	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	9.	UNOCHAPECÓ	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	10.	UNIPLAC/SC	SC 3 - -
EDUCAÇÃO	11.	UFFS	SC 3 - -

<a href="#">EDUCAÇÃO</a>

### 3. RIO GRANDE DO SUL

UFRGS	RS	5	5	-
UFSM	RS	4	4	-
UFPEL	RS	5	5	-
FURG	RS	3	-	-
PUC/RS	RS	6	6	-
UNISINOS	RS	6	6	-
UCS	RS	3	-	-
UPF	RS	4	4	-
URI	RS	3	-	-
ULBRA	RS	3	-	-
UNISC	RS	3	-	-
UNILASALLE	RS	3	-	-
UNIPAMPA	RS	-	-	3

### TOTAL

	<u>Mestrado</u>	<u>Doutorado</u>	<u>Profissional</u>	<u>TOTAL</u>
<b>1. PARANÁ</b>	<b><u>09</u></b>	<b><u>05</u></b>	<b><u>0 (02)</u></b>	<b><u>14</u></b>
<b>2. SANTA CATARINA</b>	<b><u>11</u></b>	<b><u>03</u></b>	<b><u>0</u></b>	<b><u>14</u></b>

<b>3. RIO GRANDE DO SUL</b>	<b><u>12</u></b>	<b><u>06</u></b>	<b><u>01</u></b>	<b><u>19</u></b>
<b><u>TOTAL</u></b>	<b><u>32</u></b>	<b><u>14</u></b>	<b><u>01</u></b>	<b><u>47</u></b>

### PROGRAMAS

	<u>Consta F e E/* E e F/** F da E***</u>	<u>Não consta</u>	<u>Outros</u>	<u>Dúvida</u>
<b>1. PARANÁ (11)</b>	<b><u>01*</u></b>	<b><u>05</u></b>	<b><u>05</u></b>	<b><u>:</u></b>
<b>2. S. CATARINA (11)</b>	<b><u>02***</u></b>	<b><u>02</u></b>	<b><u>07</u></b>	<b><u>:</u></b>
<b>3. RIO G. do SUL (14)</b>	<b><u>02**</u></b>	<b><u>08</u></b>	<b><u>02</u></b>	<b><u>02</u></b>
<b><u>TOTAL</u></b>	<b><u>05</u></b>	<b><u>15</u></b>	<b><u>14</u></b>	<b><u>02</u></b>

### **PARANÁ**

#### **Dos 11 Programas analisados constatamos que:**

- NÃO observamos menção à locução Filosofia da Educação. Contudo, há um (01) Programa (Mestrado) que mantém um *Núcleo de Filosofia e Educação* como parte de uma Linha de Pesquisa chamada “Perspectivas Filosóficas, Históricas e Políticas da Educação”. Este Núcleo apresenta disciplinas relacionadas integralmente à Filosofia enquanto uma disciplina que problematiza a Educação e se dispõe a realizar contribuições para a formação de professores.
- Há maneiras disfarçadas (01) e, quem sabe, forçadas, para introduzir o saber filosófico numa Linha não explicitamente interessada na questão da Filosofia, como por exemplo, “Cultura, Escola e Ensino” na qual há um projeto para a investigação dos “Fundamentos

epistemológicos do ensino de Filosofia: o lugar da Filosofia no currículo do ensino médio”.

- Aparece disciplina que manifesta o campo filosófico particularmente, mas não residindo numa Linha de Filosofia, como é o caso de Ética e Filosofia da Ciência (01); há ainda algumas outras que claramente envolvem a Filosofia, mas de uma forma adaptada à situação educacional ou de ensino como: Filosofia da Diferença e educação (01); Epistemologia das disciplinas escolares (01); Educação e Filosofia da Diferença (01).
- Vimos o aparecimento da Filosofia associada à História. Ex: História e Filosofia na Modernidade (01); Fundamentos históricos e filosóficos da educação (01)

A menção à Filosofia aparece como “fundamento, dentre outros” ao ensino, à Educação, a alguma ciência em particular (ex: às concepções históricas) (01). - Educação Brasileira: aspectos históricos, filosóficos e políticos; Fundamentos epistemológicos do ensino de Filosofia (projeto);

- Os saberes filosóficos, às vezes, aparecem abordados como aspecto relevante para análise de outra disciplina, como ex: Estudo dos principais aportes filosóficos na análise das concepções teórico-metodológicas da História;
- A Filosofia aparece com frequência como um dos “Fundamentos” ou uma das “Perspectivas”, ainda, como um dos “Aspectos” para a compreensão do fenômeno/processo da educação, do ensino, da pesquisa. Em algumas situações os conteúdos filosóficos são sugeridos como elementos misturados a outros (culturais, políticos, etc.).

Duas afirmações nos chamou a atenção:

1) Por se tratar de uma Linha de Pesquisa voltada à aprendizagem, afirma: “Eventualmente, investigações que recorram às outras ciências, tais como a filosofia, a antropologia, a sociologia,

podem ser justificadas e incentivadas, se contribuírem para um melhor aprofundamento no conhecimento do objeto de estudo” (grifos nossos).

2) Num dos mestrados profissionais, no caso do Programa de Pós-Graduação da PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) em sua única Linha de pesquisa: “Formação Docente e Novas Tecnologias na Educação: estabelece como objetivos específicos:

“Contribuir para a formação de profissionais da educação a fim de que os mesmos realizem análises críticas no contexto educacional da sociedade contemporânea e atuem na transformação do tecido social em que se insere;

Formar profissionais e docentes pesquisadores para atuar no ensino, pesquisa e extensão, com domínio dos processos de investigação científica;

Desenvolver uma visão crítica do ensino, a fim de que os mestrandos analisem os discursos, produzam conhecimento e elaborem novos métodos e práticas educativas;

Formar docentes, para que atuem, sistematicamente, na educação básica e superior, visando ao desenvolvimento de estudos relativos aos problemas educacionais do mundo contemporâneo;

Assegurar a articulação do ensino e da pesquisa com a problemática educacional brasileira e institucional;

Produzir conhecimentos em ambiência universitária presencial, que possibilitem condições permanentes de formação e qualificação dos graduados da região sul e em âmbito nacional;

Estabelecer integração entre as áreas da ciência que participam da produção de conhecimentos voltados ao campo educacional, a partir da elaboração de pesquisas multidisciplinares e transdisciplinares, com responsabilidade social em acordo com os princípios éticos; [...]”

- Pergunta-se como serão formados esses profissionais para o exercício crítico e com princípios éticos, sem o oferecimento de conteúdos filosóficos? Apenas com conteúdos científicos e tecnológicos seria suficiente?

\_\*\_

**SANTA CATARINA**

### Dos 11 Programas analisados constatamos que:

- Há dois (02) Programas que se referem claramente à Filosofia da Educação (como Linha – UFSC) ou Filosofia e Educação (como disciplina – FURB).
- Há sete (07) que, considerando as suas ementas e objetivos, tratam dos conteúdos da Filosofia da Educação ou Filosofia e Educação com outra nomenclatura, como por exemplo: - Educação e epistemologia - Fundamentos epistemológicos da Pesquisa em Educação (UDESC-Flóripa); - Teorias da Educação I (UNIVILLE); - Epistemologia (UNIVALI); - Epistemologia e Educação; - Fundamentos da Pesquisa em Educação, - História do Pensamento Pedagógico e da Educação no Brasil (UNOESC); - Teorias da Educação (Universidade do Sul de SC); - Tópicos de Orientação (UNESC); - Teorias e Tendências no Pensamento Educacional – Educação e Produção do Conhecimento – Educação, Modernidade, Pós-Modernidade, Pós-Estruturalismo – A Produção do Conhecimento (UNOCHAPECO). – Nesses casos, observamos um forte apelo à Epistemologia e a sua vinculação com os problemas da Pesquisa em Educação; referências amplas a escolas filosóficas, principalmente, aquelas produzidas a partir da modernidade; teorias filosófico-educacionais variadas, etc., mostrando um tratamento dos conteúdos filosóficos mais bem definidos do que aquele mostrado no estado do Paraná onde prepondera um tratamento mais friável a partir de uma designação menos precisa de “fundamentos” ou “perspectivas” ou ainda “aspectos” filosóficos. Tais designações em SC se mostram bem menos frequente.
- Os dois Programas que não incluem a disciplina são: UNIPLAC (Universidade do Planalto Catarinense) e UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul).
- Observamos a referência a um Grupo de Pesquisa com a designação de “Filosofia e Educação – EDUCOGITANS” (FURB)

\_\*\_

## RIO GRANDE DO SUL

### Dos 14 Programas analisados constatamos que:

- Encontramos disciplina obrigatória intitulada Filosofia e Educação (UCS); e Educação e Filosofia (UNISC). Neste último Programa, observamos a disciplina “Educação, Trabalho e Emancipação” que anuncia em sua ementa, conteúdos filosóficos, apresentando interface com a Sociologia.
- Observamos pelo menos um caso (01) de vinculação estreita da Filosofia com a História da Educação (UFPel) como Linha de Pesquisa intitulada “Filosofia e História da Educação”; e um caso (01) da expressão de Fundamentos da Educação, também como Linha de Pesquisa (UPF).
- Os dois casos de “dúvida” da informação (02) indicam a dificuldade no acesso aos *sites* das instituições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA ANÁLISE DOS DADOS

Vemos, a partir dos dados mostrados acima, que a expressão *Filosofia da Educação* no contexto dos Programas da Pós-Graduação no sul do Brasil, vem sendo gradativamente abandonada, dando lugar a outras expressões como *Filosofia e Educação* ou mesmo, outras designações não explicitamente reveladoras desse conteúdo, cujo acesso a essa constatação só é mesmo possível na análise das ementas e objetivos propostos pelas referidas disciplinas.

Parece ainda que há uma tendência mais amplamente observada de a Filosofia ser considerada como *pressuposto*<sup>4</sup> na formação dos professores, devendo ser por isso tratada como “fundamento”, “perspectiva” ou “aspecto” da educação, juntamente com outros originados também de outras disciplinas como: Sociologia, Política, Cultura, etc.

Vemos ainda a manutenção em alguns Programas da vinculação estreita da Filosofia com a História e/ou História da Educação, supostamente, em razão da forte tradição do marxismo na formação dos seus profissionais.

---

<sup>4</sup> A esse propósito ver: SEVERINO, A. J. *A filosofia contemporânea no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 22.

A partir do exposto, julgamos pertinente o aprofundamento posterior deste estudo para que possamos extrair mais subsídios concretos e factuais a fim de ampliarmos nossa compreensão sobre o *status* atual da Filosofia da Educação no Sul do Brasil. Para isso, pretendemos analisar:

1) as ementas, programas e a bibliografia das disciplinas que nos indicam explícita ou implicitamente conteúdos filosóficos.

2) a produção dos professores em projetos de pesquisa e suas atividades realizadas nos Grupos de pesquisa a que afiliam.

3) a formação dos profissionais responsáveis por esses trabalhos.

-\*-

## Referências

ALBUQUERQUE, Maria Bethânia B. *Filosofia da Educação: um campo acadêmico?* Disponível em : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6219.pdf> Acesso em: 29/09/13.

BIESTA , Gert. *Para além da Aprendizagem - educação democrática para um futuro humano.* Tradução: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CRUZ COSTA, João. *Contribuições à história das ideias no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LORIERI, Marcos A. *Pesquisa em Filosofia da Educação no Brasil.* Disponível em <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/IIIENCONTRO/MarcosAntonioLorieri.pdf>. Acesso em: 29/09/13.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação.* São Paulo: Cortez, 1990.

MARGUTTI, Paulo. *História da Filosofia do Brasil – o período colonial (1500-1822).* São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MAURANO, Laura Maria dos Santos; HENNING, Leoni Maria P. *A origem da Filosofia da Educação brasileira está atrelada à preocupação com a formação de professores? XI Congresso Nacional de Educação.* ISSN: 2176-1396, p. 8252-8268.

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da Educação brasileira. In: MENDES, Durmeval T. *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1991.

SEVERINO, Antonio J. A Filosofia da Educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In. GHIRALDELLI Jr., Paulo. *O que é Filosofia da Educação?* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 267-328.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, educação e poder*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. A Contribuição da Filosofia para a Educação. *Em Aberto*, Brasília, n.45, p. 19-25, jan/ma.1990.

TOMAZETTI, Elisete M. *Filosofia da Educação – um estudo sobre a história da disciplina no Brasil*. Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 2003.